

O que nos ensina Shopenhauer como educador?

What teaches us Schopenhauer as educator?

¿Qué nos enseña Shopenhauer como educador?

Alberes Siqueira Cavalcanti

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Maranhão

albercanti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7536-9679>

RESUMO

O texto busca contextualizar o pensamento nietzschiano, para, ao tratar da *III Consideração Intempestiva - Shopenhauer como educador*, discutir o sentido da educação filosófica no contexto contemporâneo. Nessa *Consideração*, Nietzsche objetiva definir o papel da filosofia e exaltar o exemplo dos grandes mestres para a educação. O filósofo critica a formação humana que nivela por baixo e vulgariza a cultura e a educação segundo interesses utilitários e práticos estatais, mercadológicos e acadêmicos. Sendo a filosofia um pensar vivo e intempestivo, a educação filosófica não pode ser apenas a transmissão e a apreensão eruditas como apropriação e repetição não criativa de pensamentos já elaborados por outros, mas vazio de significado para a vida dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Shopenhauer como educador nos faz compreender que ao se reduzir a cultura, a educação e a filosofia a fins pragmáticos e utilitários, gera-se a *décadence*.

Palavras-chave: Nietzsche. Modernidade. Educação. Filosofia.

ABSTRACT

*The text seeks to contextualize Nietzschean thinking, in order to discuss the meaning of philosophical education in the contemporary context, when dealing with the III Untimely Meditation - Shopenhauer as educator. In this Meditation, Nietzsche aims to define the role of philosophy and to exalt the example of the great masters for education. The philosopher criticizes the human formation that levels below and vulgarize the culture and the education according to utilitarian interests and practical state, market and academic. Philosophy being a living and untimely thinking, philosophical education cannot be only the learned transmission and apprehension, as noncreative appropriation and repetition of thoughts already elaborated by others, but empty of meaning for the life of the subjects involved in the educational process. Shopenhauer as educator makes us understand that by reducing culture, education and philosophy to pragmatic and utilitarian ends, *décadence* is generated.*

Keywords: Nietzsche. Modernity. Education. Philosophy.

RESUMEN

El texto busca contextualizar el pensamiento nietzscheano, a fin de abordar la III Consideración Intempestiva - Shopenhauer como educador, para discutir el significado de la educación filosófica en el contexto contemporáneo. En esta Consideración, Nietzsche tiene como objetivo definir el papel de la filosofía y exaltar el ejemplo de los grandes maestros para la educación. El filósofo critica la formación humana que nivela y vulgariza la cultura y la educación de acuerdo con los intereses utilitarios y prácticos estatales, de mercado y académicos. Dado que la filosofía es un pensamiento vivo e inoportuno, la educación filosófica no solo puede ser la transmisión y aprehensión aprendida como apropiación no creativa y repetición de pensamientos ya elaborados por otros, sino que carece de significado para la vida de los sujetos involucrados en el proceso educativo. Shopenhauer como educador nos hace comprender que al reducir la cultura, la educación y la filosofía a fines pragmáticos y utilitarios, se genera decadence.

Palabras clave: Nietzsche. Modernidad. Educación. Filosofía.

Introdução

Friedrich Nietzsche é um dos filósofos mais polêmicos na história da filosofia ocidental, estando entre aqueles que mais influenciam o contexto cultural contemporâneo. De família religiosa, filho de pastor luterano, Nietzsche nasceu em 1844 na cidade de Röcken, na Prússia. Aos 20 anos de idade, foi estudar Filosofia e Teologia na Universidade de Bonn, com a intenção de realizar o desejo familiar de o ver um pastor luterano. Mas não tardou a abandonar o caminho religioso e passar a dedicar-se à Filologia (sendo um profundo conhecedor do grego e do alemão) e a Filosofia (especialmente a filosofia grega pré-socrática). Nietzsche passava a ver no homem e na cultura grega pré-socrática a efervescência vital do espírito dionisíaco, a vontade de viver, a vontade de potência que não enxergava no homem e na cultura moderna.

Embora as conhecidas “Considerações Intempestivas”, incluindo Shopenhauer como educador, pertençam ao período de juventude quando Nietzsche era professor na Basileia, é prudente situar a sua crítica à cultura e educação do seu tempo no contexto geral da sua obra. Afinal, ao abordar a questão da cultura e da educação filosófica em Shopenhauer como educador, Nietzsche não faz a sua crítica de forma isolada. Ao mesmo tempo em que critica a concepção de cultura e educação filosófica universitária alemã, ele lança o seu olhar cortante para o Estado, a ciência, os valores, a tradição filosófica, a universidade, a modernidade.

Portanto, o presente texto ao tratar da III Consideração Intempestiva - Shopenhauer como educador busca inicialmente contextualizar o leitor no próprio

pensamento nietzscheano. Na primeira parte do texto, Nietzsche: intempestivo pela vida contra a decadência moderna, apresentamos uma visão ampla da filosofia nietzscheana, chamando a atenção por um lado para a centralidade da vida no pensamento desse filósofo e, por outro lado, a sua intensa crítica à cultura ocidental moderna, segundo o filósofo marcada pelo niilismo e a decadência.

Não fica difícil, pois, com o pano de fundo anterior, adentrar na segunda parte do texto, A educação filosófica e a formação do gênio, em que apresentamos os principais aspectos das considerações nietzschianas sobre Shopenhauer como educador. Como observa Sobrinho (2003, p. 8), “Nietzsche pretendeu desde o início ser um mestre e de fato o foi, não importando se ele se dirigia a todos ou a ninguém”. Em Shopenhauer como educador o seu objetivo é definir o papel da filosofia e exaltar o exemplo dos grandes mestres para a educação. A motivação para a sua obra é a crítica à modernidade.

Nietzsche: intempestivo pela vida, contra a modernidade

A filosofia nietzschiana é um grande apelo de valorização da vida, da fidelidade à terra. Nietzsche valoriza o vital. É a vida humana vivida com intensidade que interessa. É nesse sentido que se compreende as principais ideias-forças do pensamento nietzschiano: o “dionisíaco”, a “vontade de potência”, a “transmutação dos valores”, o “além do homem” (Übermensch), a “morte de Deus” — todos remetem ao incondicional desejo nietzschiano de valorização da vida.

Por isso, a sua revolta contra a tradição ocidental — seja ela na sua dimensão religiosa, filosófica ou científica — que para Nietzsche acovardou-se diante da vida, caindo no niilismo. Por isso também o seu retorno aos primórdios do Ocidente, não para vivenciar uma nostalgia, mas para denunciar o quanto a razão moderna que se orgulha de herdar o logos grego, de fato traiu e distanciou-se da visão de mundo grega original. Nietzsche encontra no mítico, no dionisíaco, na tragédia grega, no mundo grego pré-socrático a verdadeira força inspiradora e vivificante do espírito grego. Por sua vez, identifica em Sócrates a primeira negação desse espírito dionisíaco de exaltação da vida e, a partir daí, toda a tradição ocidental passa a orientar-se pelo espírito apolíneo, entrando em decadência. Decadência que seria agravada pela emergência do cristianismo na civilização ocidental. Dizia ele: “Os gregos não viam os deuses homéricos acima de si, como senhores, e não se viam abaixo deles, como servos, ao modo dos judeus. [...] O cristianismo, por sua

vez, esmagou e alquebrou completamente o homem, e o mergulhou como que em um profundo lamaçal” (NIETZSCHE, 1999, p. 82).

No Anticristo, Nietzsche é ainda mais forte na sua crítica ao cristianismo como uma religião antinatural e que degenera o homem, retirando-lhe todo o impulso vital:

O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, incapaz, e transformou em um ideal a oposição aos instintos de conservação da vida saudável. [...]

O cristianismo é conhecido como a religião da piedade. A piedade, porém, é deprimente, pois enfraquece as paixões revigorantes que aumentam a sensação de viver. O homem perde o poder quando é contagiado pelo sentimento de piedade, e esta dissemina todo sofrimento. Às vezes, ela pode conduzir a um total sacrifício da vida e da energia vital (NIETZSCHE, 2007, p. 40-41).

Para Nietzsche, a filosofia socrática e o cristianismo passam a simbolizar a moral dos fracos, aqueles que não amam a Terra, que temem o corpo, que dizem não à vida. Mas essa crítica foi também estendida à religião em geral, às filosofias kantiana e hegeliana, ao positivismo, ao socialismo, à ciência, ao Estado... enfim, à tradição ocidental moderna. Para Nietzsche o homem moderno *desmereceu em dignidade*. “Aquele que abandonou a Deus prende-se com redobrada severidade à crença na moral” (NIETZSCHE, [2006?], p. 94).

Nietzsche enxerga em cada aspecto da civilização ocidental o contágio do ressentimento, a moral dos fracos, a *décadence*. “Todo sistema europeu das aspirações humanas tem consciência de seu absurdo, ou melhor, de sua ‘imoralidade’” (NIETZSCHE, [2006?], p. 92). A cultura ocidental está toda ela impregnada de crenças: crença na bondade, na virtude, na igualdade, na verdade. Por isso o niilismo; por isso a necessidade de transmutação dos valores, sair da *vontade de verdade* para a *vontade de potência*.

“O que é a crença? Como nasce a crença?”, pergunta Nietzsche em *Vontade de Potência*, e responde: “Toda crença é um aceitar algo *como verdadeiro*” (NIETZSCHE, [2006?], p. 106). Assim, em *A Gaia Ciência*, ele desvelará a ciência repousando numa crença. A própria ciência, que se arvora acima das convicções e crenças, se “assenta em uma crença; não há ciência sem postulado. ‘Será necessária a ciência?’” (NIETZSCHE, 2005, p. 183). A crença incondicional da ciência advém da “vontade de verdade” e da “verdade a todo custo”. Dessa forma, também a ciência entra no “terreno da moral”.

Essa somatória da *décadence* advinda do cristianismo, da moral, da crença na verdade terá como corolário o niilismo, pois se fundamenta em ilusões que logo desveladas transformam-se em desilusões. Nietzsche dirá que são três as condições psicológicas para o surgimento do niilismo. Primeiramente o niilismo advém quando

somos “forçados a dar a tudo o que acontece o ‘sentido’ que aí não se encontra” (NIETZSCHE, [2006?], p. 94). Quem procura esse “sentido” acaba perdendo a “coragem”, ou seja, vê-se frustrado, desiludido por constatar que não existe um “sentido”, um fim.

O niilismo é pois o conhecimento do longo desperdício da força, a tortura que ocasiona esse ‘em vão’, a incerteza, a falta de oportunidade de se refazer de qualquer maneira que seja, de tranquilizar-se em relação ao que quer que seja — a vergonha de si mesmo, como se fôramos ludibriados por longo tempo (NIETZSCHE, [2006?], p. 94).

A segunda condição do niilismo aparece “logo que se estabeleça uma *totalidade*, uma *sistematização*, e também uma *organização* em tudo o que sucede” (NIETZSCHE, [2006?], p. 95). Nesse caso, o niilismo surge porque se descobre que essa *totalidade*, essa *unidade*, esse *todo* que o homem concebeu “a fim de poder dar *crédito ao seu próprio valor*” (p. 95) não existe. Há ainda uma terceira condição psicológica para o niilismo, qual seja a de “inventar um mundo que se encontre além deste, mundo que será o mundo — *verdade*” (p. 95). Mas essa também é uma ilusão da qual surge “uma forma suprema do niilismo, forma que abarca a *negação de um mundo metafísico*, que exclui a crença num mundo *verdadeiro*” (p. 96).

Portanto, com o niilismo o homem alcança o “sentimento do não-valor”, compreende que não pode “interpretar o caráter geral da existência nem pela concepção de ‘finalidade’, nem pela de ‘unidade’, nem pela de ‘verdade’” (NIETZSCHE, [2006?], p. 96). E mais, Nietzsche afirmará que é “a *crença nas categorias da razão*” a “causa do niilismo” (p. 96). Não poderia haver golpe maior para o ideário moderno. Dá-se adeus às ilusões seculares de racionalizar o mundo e a existência.

Mas o grande anúncio, o evangelho nietzscheano para essa civilização em *décadence* é a “morte de Deus” e o emergir do “além do homem” (*Übermensch*), o “super-homem”. Para Nietzsche, o “homem é algo que deve ser superado” (2006, p. 25), uma corda estendida sobre um abismo “entre o animal e o Super-homem” (p. 27). É necessário que advenha o super-homem, o homem *forte, além do bem e do mal*, que se orienta pela *vontade de potência*. Mas a condição necessária para que nasça o super-homem será a morte de Deus. O homem moderno já cometeu tal homicídio, mas ainda não se deu conta das implicações do seu ato, permanecendo ainda um homem antigo. A beleza alegre, meio irônica e ao mesmo tempo trágica, profunda, com que Nietzsche, pela boca de um louco, descreve a tomada de consciência da morte de Deus merece destaque:

“Procuro Deus! Procuro Deus!”. Mas como havia ali muitos daqueles que não acreditam em deus, o seu grito provocou grandes gargalhadas. “Perdeu-se, como uma criança?”, dizia um. “Estará escondido?”, dizia outro. “Terá medo de nós? Terá embarcado? Terá emigrado?” ... Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o seu olhar. “Para onde foi Deus?”, exclamou, “...vou lhes dizer! Nós o matamos, vocês e eu! Somos nós os seus assassinos! [...] Haverá ainda um “em cima” e um “embaixo”? Não estamos errando através de um vazio infinito? Não sentimos na face o sopro do vazio? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? [...] Os deuses também apodrecem! Deus morreu! Deus continua morto! E nós o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre assassinos! O que o mundo possuía de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob nosso punhal; quem nos limpará este sangue? Que água nos poderá lavar? Que expiações, que jogo sagrado seremos forçados a inventar? A grandeza deste ato é demasiado grande para nós. Não será preciso que nós próprios nos tornemos deuses para parecermos dignos dele? Nunca houve ação mais grandiosa e quaisquer que sejam aqueles que poderão nascer depois de nós pertencerão, em função dessa ação, a uma história mais elevada do que toda história já existiu” (NIETZSCHE, 2005, p. 126).

O que significa então a morte de Deus? Significa certamente que todos os fundamentos, pressupostos e valores que até então alicerçavam a civilização ocidental ruíram por terra. Significa o mais profundo e completo niilismo. Significa o total abandono de todas as ilusões. Significa que de agora em diante o homem só poderá contar com ele mesmo, sem nenhum subterfúgio ele deverá assumir a sua condição natural e animal de ser vivo e que se entrega intensamente a vida. Significa, portanto, o nascimento do super-homem, aquele que ama a vida.

Assim, o anúncio da morte de Deus deve ser seguido do anúncio do super-homem. Cabe a *Zarathustra* esse papel: “Eu vos apresento o Super-homem! O Super-homem é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: seja o Super-homem o sentido da terra” (NIETZSCHE, 2006, p. 26). Anunciando o super-homem, *Zarathustra* exorta a que permaneçamos “fiéis à terra”. Nada de ilusões com o sobrenatural e o metafísico; nada de verdades eternas; nada do predomínio do espiritual sobre o corpóreo. O sentido da existência é o super-homem, ele é o “raio”, o “relâmpago” que incide sobre o sombrio homem fraco moderno.

A educação filosófica e a formação do gênio

Após essa apresentação global da filosofia nietzscheana, é possível perceber que a crítica à cultura e educação da sua época apresentada em Schopenhauer como educador não se distancia da sua aversão às ideias modernas, que para Nietzsche representavam a barbárie e a decadência humanas. Schopenhauer como educador, de 1874, pertence a uma coletânea de quatro ensaios críticos com relação à cultura, a ciência, a educação e a arte modernas: *As Considerações intempestivas*, de 1873-1876. Segundo Sobrinho (2003, p. 17), na III Consideração Intempestiva “Nietzsche toma para si a questão do destino da humanidade, que ele vê correr maior perigo em vista das condições modernas nas quais os homens estavam inseridos”. A modernidade teria nivelado por baixo a formação humana, vulgarizando a cultura e a educação segundo interesses utilitários e práticos redutíveis ao “ganha-pão”, aos interesses do Estado, dos negociantes (mercado) e dos eruditos (universidade) que levariam o homem à mediocridade e à degeneração. A questão vital da cultura, educação e filosofia — “o que vale em geral a vida?”, “para que vives?” — estaria totalmente negligenciada pela concepção de cultura e educação oficial.

Como observam Gelamo e Pagni (2007, p. 202), “o pensamento de Nietzsche sobre a Cultura e a Educação valoriza a vida no que ele tem de força e de potência”. O Estado, os negociantes e os eruditos reduzem a cultura e educação a fins pragmáticos e utilitários, levando conseqüentemente os homens à mediocridade e à degeneração. O Estado promove a cultura “para se promover e não concebe nenhum alvo que seja superior ao seu bem e à sua existência” (p. 294). A preocupação do Estado com a cultura e a educação é voltada para a formação da sua burocracia e a manutenção do seu sistema de poder. Já os negociantes estão preocupados com a mão-de-obra qualificada que lhe dê mais produtividade e lucro. “O que os negociantes querem, quando exigem incessantemente instrução e cultura, é sempre, no final das contas, lucro” (p. 294). Os eruditos estão empenhados na transmissão de conhecimentos prontos, na manutenção das cátedras, não são intempestivos, nem filósofos. Tendo como pano de fundo esse cenário de decadência moderna, Nietzsche identifica no “egoísmo míope do Estado”, no “sentido raso dos negociantes” e na “seca moderação dos eruditos” (NIETZSCHE, 1999, p. 296) a ameaça para o nascimento do homem forte, o “gênio”. E contra o Estado, os negociantes e os eruditos que deturpam a cultura e a educação, Nietzsche faz emergir a dimensão agonística e trágica da vida presente na filosofia de Schopenhauer.

Num contexto filosófico marcado pelo enquadramento da filosofia aos interesses do Estado, como é o caso das filosofias kantiana e hegeliana, emerge de forma solitária e heroica a figura de Schopenhauer como efetivo filósofo e educador. “A primeira grande lição de Schopenhauer foi dizer que o mal é parte essencial do mundo [...]. A segunda lição foi afirmar que o sofrimento educa” (SOBRINHO, 2003, p. 17). O pessimismo filosófico de Schopenhauer indicava para Nietzsche que era chegada a hora do homem abandonar a busca de um sentido metafísico para a vida e encarar o trágico da vida. Nietzsche reconheceu em Schopenhauer a figura do autêntico mestre e a expressão do gênio que a educação deveria perseguir como exemplo de formação humana dos jovens. Seguindo os passos de Schopenhauer, o “gênio” nietzscheano “é concebido como aquele que, reconhecendo os limites da cultura de seu tempo, projeta-se para além dela, mesmo que isso implique o equívoco, o abandono dos valores de bem e mal, segundo uma ética de si, distante dos valores cristãos” (GELAMO; PAGNI, 2007, p. 193). Nos seus escritos posteriores, Nietzsche não falará mais de gênio e sim de “além do homem” (Übermensch).

Mais do que o pensamento, era a atitude filosófica de Schopenhauer que atraía Nietzsche. Schopenhauer foi um filósofo solitário que não se enquadrou no ideal dominante da época de servir ao Estado. Enquanto filósofo, Schopenhauer manteve-se como um pensador livre, não sacrificou a sua liberdade pela obediência, subserviência ou sobrevivência dependente do Estado. Schopenhauer teria, assim, unido filosofia e vida. O seu pensamento articula-se com o vivido, não é uma obra de erudição, mas expressão vital. É de Schopenhauer a clássica separação entre o filósofo e o professor de filosofia, ao fazer a crítica à filosofia universitária. Pois para ele, o filósofo pensa por si mesmo, em atmosfera de liberdade, não tendo a obrigação perpétua de parecer sábio e alardear supostos conhecimentos aos alunos. É essa atitude filosófica e vital que faz de Schopenhauer, aos olhos de Nietzsche, ser um educador que prepara o caminho para a formação do “gênio”. Para ele

[...] os escritos de Schopenhauer podem ser usados como espelho do tempo; e com certeza não é por um defeito do espelho se nele tudo o que é contemporâneo se torna visível como uma doença deformante, como magreza e palidez, como olheiras e caras abatidas, como as marcas visíveis do sofrimento daquela infância de enteado. A aspiração por uma natureza mais forte, por uma humanidade mais sadia e mais simples, era nele uma aspiração por si mesmo; e, logo que venceu o tempo em si mesmo, ele tinha de ver em si mesmo, com olhos espantados, o gênio. (NIETZSCHE, 1999. p. 291).

Com *Schopenhauer como educador*, Nietzsche retoma a questão que para ele é a fundamental para a filosofia e para o homem: “O que vale em geral a vida?” (NIETZSCHE, 1999, p. 291). Nesse sentido, toda filosofia que reduza ou pretenda resolver o “problema da existência” a um acontecimento político é “uma filosofia de brinquedo” ou “uma pseudofilosofia” (p. 292). Daí a crítica nietzscheana da relação da filosofia com o Estado e a educação filosófica oferecida pelos eruditos nas instituições de ensino da sua época. A esse respeito Nietzsche denunciará as três “concessões da filosofia ao Estado” (p. 299).

A primeira concessão é que “o Estado escolhe para si seus servidores filosóficos” (NIETZSCHE, 1999, p. 299). Na concepção nietzscheana o Estado tem medo da filosofia, assim busca cooptar e favorecer os filósofos que servirão ao Estado nas suas cátedras de ensino, o que será critério para distinguir os *bons* e os *maus filósofos*. O filósofo então tem sua função reduzida ao ofício de ensinar, não tendo a liberdade de contestar o Estado.

A segunda concessão é que o Estado define o *status* de autoridade do filósofo na instrução dos jovens. Os filósofos escolhidos pelo Estado “devem instruir todo jovem acadêmico que tiver disposição para isso, e aliás diariamente, em horas fixas” (NIETZSCHE, 1999, p. 299). Isso levaria o filósofo a despojar-se da sua própria liberdade, o seu pensar estaria de alguma forma “como que emasculado” (p. 299).

E “a terceira concessão altamente perigosa da filosofia ao Estado” é “quando ela se compromete com ele a fazer, em primeiro lugar e principalmente, o papel da erudição” (NIETZSCHE, 1999, p. 299). Uma vez obrigado a todos os dias transmitir conhecimentos aos jovens, o filósofo que é contratado pelo Estado “não deve ser um pensador, mas no máximo um repensador e pós-pensador, e antes de tudo um conhecedor erudito de todos os pensadores anteriores; dos quais sempre poderá contar algo que seus alunos não saibam” (p. 299). A erudição nos estabelecimentos oficiais de ensino levará os jovens ao afastamento e aversão à filosofia. Afinal, questionará Nietzsche:

[...] em que neste mundo importa a nossos jovens a história da filosofia? Será que eles devem, pela confusão de opiniões, ser desencorajados de terem opiniões? Será que devem ser ensinados a participar do coro do júbilo: como chegamos tão esplendidamente longe? Será que, porventura, devem aprender a odiar ou desprezar a filosofia? (1999, p. 300)

Nietzsche certamente não está se posicionando contra o ensino de filosofia ou a leitura dos filósofos. A sua crítica está direcionada a uma educação para a filosofia que não leve em conta a questão central que é a própria vida com toda a sua intensidade, força e

potência. Na perspectiva nietzscheana filosofar tem a ver com viver, com o problema da existência do indivíduo. Digamos que a proposta filosófica de Nietzsche está mais para uma “filosofia *filosofante*” do que para uma “filosofia *filosofada*” (FOUGEYOLLAS, 1972). Portanto, não se pode pretender uma educação para a filosofia na base da erudição; do academicismo estéril que apenas repete o pensamento alheio sem criação; do comprometimento servil ao Estado. De tal forma, a educação para filosofia feita pelos eruditos apenas servia aos interesses do Estado, ao invés de conduzir o jovem para a filosofia, dela o afastava:

[...] todos reconhecem que não se educa para ela [a filosofia], mas para uma prova de filosofia: cujo resultado, sabidamente e de hábito, é que quem sai dessa prova — ai, dessa prova! — confessa a si mesmo com profundo suspiro: “Graças a Deus não sou filósofo, mas cristão e cidadão do meu Estado!”.

E se esse suspiro profundo fosse justamente o propósito do Estado, e a “educação para a filosofia”, em vez de conduzir a ela, servisse somente para afastar da filosofia? (NIETZSCHE, 1999, p. 300).

Conclusão: o que aprender com Shopenhauer como educador?

Nietzsche escreveu *Shopenhauer como educador* no século XIX, vivenciando como jovem professor as transformações advindas do mundo moderno: o capitalismo industrial; a consolidação do Estado nacional; os ideais liberais. Considerado um filósofo extemporâneo, o próprio Nietzsche previu que o tempo para a sua filosofia ainda estava por vir. Será então o nosso tempo o tempo de Nietzsche? O que Shopenhauer como educador tem a nos ensinar no século XXI? A título de conclusão queremos destacar dois aspectos: primeiro com relação à cultura e à educação; segundo com relação à filosofia e o seu ensino.

Na perspectiva da filosofia nietzscheana, a cultura e a educação devem servir ao homem superior, à formação do “gênio”. Nietzsche não via com bons olhos a expansão e democratização da cultura e da educação pelo sistema de ensino estatal. Digamos que na sua visão essa política cultural e educacional não representava de fato a elevação do homem ou uma preocupação com uma cultura geral e superior, mas sim uma massificação, uma banalização e vulgarização, nivelando a cultura por baixo. Em outros termos podemos dizer desde Nietzsche que não existe efetivamente por parte do Estado, do mercado ou das

instituições de ensino um real compromisso e empenho com a cultura e a educação, pois cada um segue cegamente os seus próprios interesses utilitários e pragmáticos. Nesse aspecto a crítica nietzscheana parece-nos bastante válida e atual.

No entanto, quando Nietzsche advoga a educação para a formação do “gênio”, do homem superior, parece-nos que ele dá margem suficiente para uma concepção educacional aristocrática, voltada para uma elite, não necessariamente econômica e sim intelectual e cultural. Sabemos que o pensamento de Nietzsche é avesso à democracia, por considerá-la mais um produto decadente da modernidade com o intuito de subjugar os fortes ao ressentimento dos fracos. Nesse contexto teórico, portanto, não é possível pensar uma educação igualitária e emancipatória para todos, nos moldes do pensamento pedagógico moderno iluminista ou numa perspectiva de uma pedagogia socialista que advogue a emancipação do proletariado.

Com relação aos ensinamentos de *Shopenhauer como educador* sobre a filosofia e o seu ensino, Nietzsche apresenta-se com uma atualidade que surpreende. A filosofia para ele é algo vital, é pensamento que se relaciona com a existência do indivíduo. A filosofia nietzscheana indaga sobre a vida — “o que vale em geral a vida?”, e apreende a vida não de forma metafísica ou romântica, mas de forma trágica, com toda força, potência e intempestividade. Portanto, uma filosofia existencial e imanente que fala para a vida do indivíduo fazendo-o amar a terra. Nesse sentido, o filósofo não pode ser um erudito, nem o erudito pode ser um filósofo. Pois a filosofia é um pensar vivo e intempestivo, não apenas a erudição como apropriação e repetição não criativa de pensamentos já elaborados por outros. A partir de Nietzsche é possível lançar uma crítica radical e atual à prática docente dos professores de filosofia, que em vez de incentivar os jovens à atitude filosófica, transformam a filosofia num “bicho de sete cabeças”, em um eruditismo vazio de significado para as suas vidas.

Por fim, vale ressaltar a liberdade e a autonomia do filósofo. Parece-nos que a crítica nietzschiana ganha contornos atuais quando nos deparamos com a situação dos professores de Filosofia e também de outras áreas como Sociologia e História, especialmente no Ensino Médio. É perceptível a tendência contemporânea de confluência dos interesses do Estado com aqueles dos negociantes (mercado) no campo educacional. Se por um lado, Nietzsche chamava a atenção para a cooptação do Estado que acomoda e aquieta o espírito filosófico dos professores de filosofia; por outro lado, faz-se necessário chamar a atenção para a cooptação do mercado (negociantes) que reduz a formação humana, desqualificando a importância da educação filosófica, em prol de uma educação

técnica, com vistas à formação da mão-de-obra qualificada que lhe dê mais produtividade e lucro. Nesse contexto, o intempestivo Nietzsche e o seu solitário e heroico *Shopenhauer como educador* podem nos educar a compreender que cultura, educação e filosofia não podem ser reduzidas a fins pragmáticos e utilitários, senão sob o alto preço da *décadence*.

Referências

FOUGEYOLLAS, Pierre. **A Filosofia em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

GELAMO, Rodrigo Peloso; PAGNI, Pedro Ângelo. Nietzsche, no limiar da educação contemporânea: crítica à cultura, formação do gênio e infância na educação filosófica. In PAGNI, Pedro Ângelo; SILVA, Divino José da (Orgs.). **Introdução à filosofia da educação: temas contemporâneos e história**. São Paulo: Avercamp, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações intempestivas: Shopenhauer educador. In NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações extemporâneas: III — Shopenhauer como educador. In NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Col. “A obra-prima de cada autor”, 22).

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2005. (Col. “A obra-prima de cada autor”, 130).

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. São Paulo: Martin Claret, 2007. (Col. “A obra-prima de cada autor”, 50).

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. São Paulo: Escala, [2006?]. (Col. “Mestres pensadores”).

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. A pedagogia de Nietzsche. In NIETZSCHE, Friedrich W. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2003.

Submetido em 22/02/2018

Aprovado em 04/12/2019

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)